O novo cenário de integração das Américas



Gilman Viana Rodrigues

"A agricultura brasileira só ganhará com a integração efetiva do continente americano." A afirmação é do presidente da Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais (Faemg), Gilman Viana Rodrigues. Representante da Confederação Nacional da Agricultura (CNA) nas discussões para a criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca), ele negociou a posição do Mercosul no âmbito da zona de comércio americana.

Para Gilman, uma efetiva integração significa o fim dos subsídios agrícolas e das barreiras protecionistas. Segundo ele, o setor não teme o processo de criação da Alca, já que o meio rural brasileiro é competitivo e eficiente, mesmo não contando com qualquer tipo de proteção. O produtor, prossegue, com certeza dará conta do recado, desde que tenha segurança e direito à renda.

Pecuarista e engenheiro civil, Gilman tem um amplo currículo como líder rural. Foi vice-presidente da Faemg entre 1978 e 1981 e presidiu a Sociedade Mineira de Agricultura de 1986 a 1993. A partir de 1990, assumiu a presidência da Faemg; em 1993, a presidência do Conselho Administrativo do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural — Administração Regional de Minas Gerais (Senar Minas) e, em 1993, a vice-presidência da CNA.

De 1991 a 1994, Gilman fez parte do Conselho Deliberativo do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Minas Gerais (Sebrae Minas), como representante da Faemg. Em 1995, assumiu a presidência do Conselho Deliberativo do Sebrae Minas, sendo reeleito em novembro de 1996. Também é membro titular do Comitê Hemisférico de Erradicação da Febre Aftosa da Organização Pan-Americana de Saúde.

■ *O que é o Fórum Empresarial das Américas?*

— O Fórum Empresarial do III Encontro das Américas é uma reunião a se realizar em Belo Horizonte, de 13 a 15 de maio, antecedendo a Reunião dos Ministros Responsáveis por Comércio dos países do continente americano. Nesse fórum, a classe empresarial poderá apresentar propostas aos representantes dos governos das Américas para o processo de formação da Alca. Já foram realizados encontros em Denver, nos Estados Unidos, e em Cartagena, na Colômbia. Após o encontro de Belo Horizonte, haverá reuniões empresariais até o próximo fórum, no ano que vem, na Costa Rica.

■ *Como estão os preparativos para o fórum?*

— Tudo está correndo bem. Vale observar que no período de realização do fórum haverá vários eventos paralelos. A Faemg sediará um desses eventos: o seminário "Acordos Comerciais nas Américas e a Organização Mundial do Comércio", que será realizado nos dias 12 e 13 de maio. Alguns dos mais importantes especialistas e líderes da agricultura mundial participarão desse seminário, que é coordenado pelo Conselho Internacio-

nal de Política para a Agricultura, Alimentação e Comércio (IPC) e co-patrocinado pela CNA, Faemg e Inter American Institute for Cooperation on Agriculture (IICA). O IPC é uma organização internacional privada que se dedica ao desenvolvimento e à discussão de políticas de comércio internacional de alimentos e agricultura em todo o mundo. As suas recomendações são analisadas no nível da Organização Mundial do Comércio (OMC) e servem de subsídio à adoção de políticas para o comércio mundial de alimentos.

■ *Qual é a importância desse seminário?*

— A agricultura brasileira precisa conhecer o mundo e, nesse sentido, o seminário será extremamente útil. Quem participar terá acesso a valiosas informações mercadológicas e culturais. Além disso, é importante conhecer o posicionamento dos chamados terceiros mercados sobre a Alca. Esse intercâmbio de informações será viabilizado durante o seminário, que reunirá cerca de 200 pessoas, entre especialistas estrangeiros e brasileiros e lideranças políticas e empresariais. Enfim, o evento será uma ótima oportunidade para a atualização e a ampliação dos conhecimentos sobre a globalização da economia.

Temos que assumir agora a reconversão do processo produtivo. Não podemos deixar essa tarefa para os nossos filhos.

■ *Quais são as suas expectativas quanto ao fórum?*

— O fórum não será conclusivo. Será apenas uma etapa do processo de discussão sobre a criação da zona de comércio americana. Teremos que estar vigilantes e nos preparar para conviver com esse processo. Precisaremos ter a atenção estratégica voltada para nosso mercado interno e responsabilidade empresarial tanto para melhorar a qualidade de nossos produtos como para nossa qualificação e capacitação. E isso não apenas pensando nos mercados externos, mas também no mercado doméstico. Temos que assumir agora a reconversão do processo produtivo. Não podemos deixar essa tarefa para os nossos filhos.

■ *O que o fórum representa para os agricultores?*

— Não haverá discussões específicas sobre a agricultura ou sobre qualquer outro setor econômico individualmente. Serão tratados temas gerais em 12 *workshops:* acesso a mercados, *standards* e barreiras não-tarifárias ao comércio; procedimentos alfandegários e regras de origem; subsídios, *antidumping* e direitos compensatórios; defesa da concorrência; compras governamentais; tecnologia e propriedade intelectual; investimentos; serviços; infra-estrutura; desenvolvimento econômico sus-

The new American integration scenery

Topics of the interview with Gilman Viana Rodrigues, President of Faemg and representative of CNA in the discussions about FTAA

The III Meeting of Americas Enterprise Forum, in Belo Horizonte, is part of a series of meetings focused on the discussion of private sector proposals to government representatives of the Americas. A seminar on Trade Agreements in America and the World Trade Organization is bringing up world agricultural matters concerning Brazilian agriculture. In the scope of the Forum, workshops aim at dealing with general subjects that should receive suitable treatment in FTAA's context. Brazilian agricultural sector will not be caught unawares as was the case in the Mercosul experience. What actually matters is true integration and the attainement of conditions that can make the farming sector able to increase its output in order to find its own place in American trade.

The agricultural sector of Mercosul region must be cautious in the negotiations. Developed countries must recognize actual inequalities and structural differences among Southern hemisphere nations and themselves. It has to be admitted that developing countries have no funds to compete with them, mainly when thinking about subsidies granted to farming and export goods in general.

Other proposals aim at the entrance of the regional agricultural private sector into FTAA negotiations; the settlement of suitable opening terms in order to get gradual and necessary changes in agricultural production; and the prevention of raising barriers for trade in the shape of the well-known and usual trade restrictions. Many other necessary adjustments concern financial resources and investments for infrastructure development.

tentável e o papel do setor privado. O setor agropecuário formalizou um documento com propostas que contemplam esses temas, para que tenha um tratamento adequado no âmbito da Alca.

■ *E quanto à Alca?*

— A agricultura não quer ser tomada de surpresa, como aconteceu com o Mercosul. O setor acabou sendo prejudicado nas negociações para a formação do bloco, já que o Brasil reduziu as tarifas de importação de alguns produtos, favorecendo a Argentina, por exemplo, e ao mesmo tempo manteve os custos internos em patamares muito elevados. Não queremos que esta história se repita, e por isso o setor pretende influir nas negociações. A agricultura brasileira não teme a Alca e tem capacidade para assimilar a integração em curto prazo, desde que sejam feitos alguns ajustes.

■ *Quais são as principais propostas em termos de condução do processo?*

— É necessário haver uma harmonização tanto entre os países do Mercosul quanto da Alca. Não estou fazendo nenhuma pregação do tipo "Alca já" e, sem dúvida, há necessidade de maiores discussões. Preferimos porém que o processo seja rápido. Se a integração representar a quebra dos subsídios concedidos pelos países desenvolvidos aos seus produtores, o meio rural brasileiro será beneficiado, já que o setor é competitivo e eficiente, mesmo não contando com qualquer tipo de proteção. Se houver uma real integração, o setor rural vai trabalhar pelo aumento da produção para conquistar novos espaços no continente americano.

■ *Como o senhor negociou com os parceiros do Mercosul uma posição única para essas negociações?*

— Foi realizada em Buenos Aires uma reunião com os representantes do setor agrícola dos quatro países: a Confederação Nacional da Agricultura pelo Brasil, a Sociedade Rural Argentina, e as associações rurais do Paraguai e do Uruguai. A negociação não foi difícil, principalmente porque nós do Mercosul não temos mais subsídios. A nossa região é o mercado mais aberto atualmente. Daí concluímos que a posição do setor agropecuário da região nas negociações no âmbito da Alca deverá ser de extrema cautela. O que queremos é que sejam reconhecidas as desigualdades e as diferenças estruturais entre os setores agropecuários de ambos os tipos de países: de um lado, os países desenvolvidos que subsidiam suas agriculturas e exportações e, de outro, as nações em desenvolvimento que não têm os mesmos programas agrícolas e não dispõem de fundos para competir com os países desenvolvidos do continente. Esse reconhecimento é uma das condições prévias para a adesão dos países em desenvolvimento às negociações para a formação da Alca.

A agricultura brasileira não teme a Alca e tem capacidade para assimilar a integração em curto prazo, desde que sejam feitos alguns ajustes.

■ *O setor agropecuário do Mercosul tem outras condições?*

— Além do reconhecimento das desigualdades e das necessidades de ajustes estruturais na agricultura da região, o setor agropecuário propõe que seja permitida aos setores privados da agricultura regional a participação nas negociações, o estabelecimento de prazos de abertura adequados para conseguir, gradualmente, a mudança e a adaptação da produção agropecuária e também impedir que as restrições conhecidas e artificiais de comercialização representem uma barreira injustificada ao comércio de produtos agropecuários.

■ *Há outros ajustes a serem feitos?*

— Sim. Também será preciso investir em infra-estrutura, visando à eficiência do mercado regional e à concorrência no exterior. Estimativas feitas pelo Banco Mundial indicam que as necessidades de investimento para o desenvolvimento da infra-estrutura para a integração hemisférica são de US$60 bilhões anuais, para os próximos cinco anos. E vale observar que a iniciativa privada tem boas oportunidades de participar dos grandes projetos de energia elétrica, transportes, água e saneamento básico e telecomunicações.

■ *A demanda norte-americana de negociar com rapidez a integração comercial americana significa que os Estados Unidos estariam dispostos a abrir mão do protecionismo agroindustrial?*

— O protecionismo interno dos países mais desenvolvidos é um dos maiores problemas a serem enfrentados pela agricultura brasileira e por outros países com menor poder de negociação no mercado internacional. Só para citar um exemplo, o governo norte-americano concedeu à sua agricultura, no ano passado, subsídios da ordem de US$130 bilhões. Um dos casos é o do frango: os norte-americanos subsidiam pesadamente o produto para concorrer com o Brasil no mercado oriental. Já o Canadá subsidia o frete. Além dos subsídios, os Estados Unidos impõem pesadas tarifas aos produtos brasileiros que importam. O suco de laranja, por exemplo, é taxado em 37,5% e a soja, em 11%, citando apenas dois produtos. O subsídio é o prin-

cipal obstáculo ao acesso dos países exportadores da Alca aos mercados da região e será difícil convencer os Estados Unidos a eliminarem subsídios e reduzirem cotas. Eles têm os seus próprios artifícios para manter esses subsídios. Assim, é fundamental para o setor a declaração do hemisfério como uma região livre de subsídios de qualquer natureza.

■ *Quais são os produtos mais sensíveis a essa política protecionista?*

— São as aves, cana-de-açúcar, carne bovina, leite, milho, soja, suco de laranja e vinhos. Se os Estados Unidos eliminarem os subsídios internos, nossos produtos serão altamente competitivos no mercado externo.

■ *Muitos afirmam que questões ambientais, sanitárias e sociais são usadas para disfarçar medidas que, no fundo, não passam de protecionismo comercial. Como o senhor encara a questão?*

— Realmente, há situações veladas de protecionismo. O documento preparado pelo setor agrícola do Mercosul propõe que o tratado contenha um compromisso de eliminação completa das barreiras não-alfandegárias dentro da zona de livre comércio americana. Não é possível ficarmos à mercê das conveniências de países que, quando precisam importar produtos brasileiros, aceitam os nossos procedimentos e, quando não, impõem uma série de barreiras que acabam por interditar regiões.

■ *Quais são os cenários para a agricultura brasileira dentro de uma realidade de real integração do continente americano?*

— A agricultura brasileira só terá a ganhar e as metas para crescimento da safra para até 200 milhões de toneladas de grãos poderão se tornar realidade. Nós seremos mais competitivos em suco de laranja, soja, carne, açúcar e milho, isso porque se um produto brasileiro custa R$70,00, o similar norte-americano custa pelo menos o dobro. Mas o que importa não é identificar produtos ou segmentos que teriam maior competitividade, mas sim estabelecer regras que garantam oportunidades iguais para todos.

É preciso que se reconheçam as desigualdades e as diferenças estruturais entre os setores agropecuários dos países desenvolvidos que subsidiam suas agriculturas e exportações e das nações em desenvolvimento.

■ *Há contradições entre as propostas de um livre comércio em âmbito global e o esforço para construir e reforçar blocos regionais, ou são processos complementares?*

— Os blocos regionais não perderão o sentido com a criação da Alca. Vejamos o exemplo do Mercosul, que se constitui em uma união aduaneira em que existe uma tarifa zero para as importações dos membros do bloco e uma tarifa externa comum — a TEC — para as importações originadas dos demais países. Já em uma zona de livre comércio, que é o caso da Alca, as tarifas de importação entre os países-membros também são reduzidas a zero, mas cada país pode manter tarifas diferentes para as importações originadas de nações que não integram o bloco. Enfim, são procedimentos econômicos diferentes.

■ *Alguns entendem que o governo brasileiro estaria privilegiando uma aproximação maior do Mercosul com a União Européia. O que lhe parece?*

— Mesmo com o processo de integração do continente americano, o Brasil pode e deve formar parcerias com países fora da zona de comércio americana, como as nações da União Européia (UE) e os Tigres Asiáticos. Estes mercados também são importantes para o Brasil e não podem ser preteridos.

■ *A agricultura brasileira foi profundamente afetada pelo Mercosul. Os produtores não sabiam dos efeitos do Mercosul. Sabem agora o que pode representar a Alca para o setor rural?*

— Os produtores rurais brasileiros já sentem os efeitos do Mercosul, mas ainda têm que fazer muitos ajustes em seu negócio. Fatores internos foram muito perversos com o agricultor brasileiro e geraram dificuldades na busca de meios para a sua adaptação a esta nova realidade. Com a Alca, também deverão ser considerados esses fatores internos, como as altas taxas de juros ainda em vigor no Brasil e a baixa renda do setor.

■ *Os produtores brasileiros estão sendo preparados por seus líderes para enfrentar a concorrência na Alca?*

— Em todas as reuniões e encontros estamos falando sobre a Alca, dando explicações sobre o processo. Também temos enviado materiais informativos, sempre alertando o setor sobre esse processo. A Alca será formalizada, não há como fugir disso. A qualquer momento, o cenário de integração será efetivo e real. Além disso, a globalização da economia é uma realidade e o produtor já está sentindo no seu dia-a-dia a necessidade de ser competitivo no seu próprio mercado doméstico. Basta ir a um supermercado e ver a variedade enorme de produtos importados competindo com os nacionais. Para sobreviver no mercado brasileiro, é preciso ter esta noção de mercado mundial.

Entrevista por Antonio Aquiles